

8. MODELOS DE TRABALHO PARA SELEÇÃO DE MESTRADO

8.1 - Monografia

CONVÊNIO PARA MESTRADO EM LINGÜÍSTICA IEL/UNICAMP/UNIR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

A DÊIXIS E O DISCURSO

HISTÉRIO

"Na questão de não querer
O que se passa dentro
Vestiu seu roupão
No desprezo incontrolável
Correu os dias de apreensão
Não lembra sua própria ação...

DEVANEIO

No meio da rua a cabocla xxx?
Esquecendo sua banca de locação
Suas fantasias, seus brilhares
Resplandecendo o interior do homem
Seus gestos libertavam a paz
E nos traziam aquilo esquecido...

Monografia visando à Seleção
para Mestrado em Lingüística (na
área de Análise do Discurso)
como primeira etapa.

Júlio César Barreto Rocha

CHEIAS

PORTO VELHO/SETEMBRO/1992

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PREFÁCIO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1: *Conceituação de dêixis

CAPÍTULO 2: *Uma visão gramatical

2.1 Os pronomes

2.2 Os verbos

CAPÍTULO 3: *A dêixis multifacetada

3.1 A dêixis honorífica

3.2 A dêixis literária

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. MODELOS DE TRABALHO PARA SELEÇÃO DE MESTRADO

8.1 - Monografia

PREFÁCIO

A análise do discurso é uma área fascinante, entre outros motivos, pelas janelas que abre à História, antiga ou contemporânea, pelas contribuições que propiciará, suponho, à tecnologia a uma nova Lógica (ou uma "Nova Retórica") ou mesmo pela possibilidade de "interpretação dos sonhos" legada por Freud. De todo o seu arcabouço teórico se alimentarão as demais ciências com cada vez maior frequência.

Esta monografia toma da Análise do Discurso a "tenacidade" da dêixis e concentra o foco das luzes na Língua Portuguesa, procurando reduzir-se à compilação do principal, sem maiores veleidades de penetração devido a nosso espaço: dez laudas a partir da introdução.

Ressalvo também que, devido a essa exigüidade de laudas concedidas ao objeto deste trabalho -uma das etapas do concurso ao Mestrado da conceituada UNICAMP-, vi-me obrigado, não poucas vezes (pois, no dizer de Fernando Sabino, "escrever é principalmente cortar"), a retalhar trechos do cerne e da carne do assunto, aos quais regressarei se o destino permitir.

Júlio César Barreto Rocha

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Descreio dos modernos estudos da Inteligência Artificial (IA) quando servem-se apenas das tendências gerativo-transformacionais (1) de modo a levar o computador ao "domínio" da fluência da linguagem humana, embora já admita a validade da antinomia estrutura profunda/estrutura superficial para a consecução desse objetivo. A despeito disso, percebemos que qualquer língua (ou antes: a fala) revela características semânticas novas a cada passo, quase a cada uso, pois a criatividade do homem é incansável, e a dinâmica das suas necessidades sócio-culturais, infundável. Neste sentido, o modelo gerativo deixa lapsos incontornáveis: há tão-somente reprodução da estrutura lingüística do já-dito.

Acredito, por outro lado, que o progresso da IA possa aproveitar-se, também, de outras vertentes da moderna análise lingüística. O estabelecimento consolidado de propostas, por exemplo, de uma visão mais "dêitica", isto é, mais contextualizante do discurso é um desses caminhos- muito embora contra essa postura haja acerbas críticas (cf. 2). Todavia, tal proposta de desvelar a dêixis no discurso, é forçoso dizer, prescinde de uma objetivação qualquer- mesmo esse vínculo à IA - tendo surgido como um trator a aplinar o terreno para os futuros caminhantes, recusando-se a deixar uma teoria acabada.

Com efeito, diligentes explanações que denunciam a dêixis na língua portuguesa vêm apenas tangenciando esse elemento, que é, muito provavelmente, uma das principais portas de acesso à Análise do Discurso. Nesta monografia, devido certamente também ao menor conhecimento de seu compilador, veremos alguns aspectos superficiais e imediatos da dêixis em nossa língua- o que encaminhará, no futuro, próximo ou distante, um aprofundamento mais agudo no problema.

CAPÍTULO 1

*Conceituação de dêixis

Pai da lingüística brasileira, o professor Mattoso Câmara Jr. esclarece (3): *"Dêixis - Faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêítica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceitual em qualquer sistema lingüístico. Podemos dizer que o signo lingüístico apresenta-se em dois tipos - o Símbolo, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o sinal, em que o conjunto sônico indica ou mostra. O pronome é justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema lingüístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais seres situados fora do eixo falante-ouvinte."*

Estudos filosóficos de Michel Lahud (4) sobre a natureza da dêixis (cujo significado vem do grego, aproximando-se de "indicar"), numa ampla visão histórica, deixam entrever três soluções para seu espinhoso problema conceitual. Primeiro, haveria a noção de dêixis como "simples designação à qual não corresponde nenhuma significação ligada às propriedades do objeto". Segundo, a visão mais lingüística, que considera a dêixis como "inserção na língua das condições da fala". Uma terceira postura seria um simples amalgamar de noções com a aceitação de sua duplicidade conceitual. Este trabalho, embora não deseje a abrangência chomskyana "a todas as línguas possíveis", identifica-se com o que quis Chomsky: Lyons (5) enfatiza que Chomsky não quer a Lingüística, a Psicologia e a Filosofia "encaradas como disciplinas separadas e autônomas". Assim, privilegiei um enfoque múltiplo embora redutor priorizando a Língua Portuguesa.

Nem por isso -devo ressaltar- podemos aceitar ou rejeitar intempestivamente os tratamentos (certamente mais amplos) dos estudiosos de outras áreas. Peirce (apud 6), por exemplo, pioneiro da Semiótica, considerava a dêixis como "indexical symbols", traduzindo para o português indistintamente como "signos", "símbolos", "indicadores" ou "símbolos índices", isto é, todos com forte carga da noção primitiva do que seria a "dêixis". Ruwet (apud 6), mais modernamente, traduziu-a para o francês como "embrayeurs". Daí proveio a substantivação "shifters" ("mudadores") cunhada por Jespersen. Qualquer dos termos é aceito sem maior dificuldade entre os lingüistas.

Coseriu (7) chamou os dêiticos de *"expressões de situação"*, que *ajudam a delimitar no diálogo "as circunstâncias e relações espaço-temporais, que se criam automaticamente pelo fato mesmo de que alguém fala (como alguém e sobre algo) em um ponto do espaço e em um momento do tempo"*.

Benveniste (apud 6) prefere vincular a noção que já pairava em Peirce do que seja a dêixis lançando mão de ADN-explicativos: "indicadores de subjetividade", "índices (ou signos) da enunciação". Lyons preferiu ser mais específico, dividindo as "categorias dêiticas" em vários desdobramentos: a) "Dêixis e situação do enunciado"; b) "A pessoa"; c) "Pronomes de advérbios demonstrativos"; d) "Atração de pessoa e de número"; e) "Distinções honoríficas"; f) "A pessoa e o verbo".

Korzbbski (apud 8) propugnou o fim da "tirania das palavras", com sua "orientação extensional", cuja consciência das coisas do mundo como são é a tônica principal, "em vez da maneira como delas se fala". Korzbbski acrescenta que *"oposto está o intencionalmente orientado, que interpreta mal o mundo devido a seu raciocínio rígido sobre rótulos"*. O estudo da dêixis para uma aplicação, por exemplo, à Análise do Discurso, está filiado justamente a esta linha de pensamento. Embora as indicações dêiticas atuem como um "rótulo", ele não o é eminentemente lingüístico, posto que vinculado ao "mundo das coisas"; é um rótulo de cunho extensional, daí sua importância na Análise do Discurso, ainda quando o falante procure falsear, mesmo que minimamente. Rapoport (8), abordando a "Semântica Geral" de Korzbbski, declarou: *"Para o lógico (...) as asseverações não precisam ter qualquer relação com o mundo de fato. O semanticista define não apenas a validade (como faz o lógico) mas também a verdade. O Semanticista geral (korzbbskiano) vai mais além. Ele não lida somente com palavras, declarações e seus referentes reais, mas também com seus efeitos no comportamento humano."*

Borges (9) já lançou suspeições suficientes sobre alguns pontos do sistema de Korzbbski. À dêixis, neste caminho, resta muito a trilhar, aproveitando dados muito caros à Semântica Geral, como este:

"O 'shaman' de uma tribo orientada pré-cientificamente e o demagogo do estado nacional moderno mantém seus poderes porque o povo reage as palavras como se elas fossem fatos" (8). E não são...

CAPÍTULO 2

*Uma visão gramatical

Como vimos, temos a dêixis como todo e qualquer elemento revelador de uma postura específica de um indivíduo com relação a outro indivíduo ou grupo de indivíduos, indicando claramente sua posição relativa ao discurso. A dêixis ocorre quando está em jogo a interpretação, quando há necessidade crucial até da situação extralingüística. Não acolhemos aqui, pois, anáfora ou catáfora como sendo mostrador dêítico. A dêixis orienta para os dados espaço-temporais e sócio-culturais do enunciado através principalmente de pronomes (pessoais, demonstrativos e possessivos) e advérbios (de lugar e de tempo). Há prioridade na abordagem de primeira pessoa "eu"; e o "tu" é, antes de tudo, o "não-eu". Há sua inversão, quando o receptor passa a ser emissor, e existe para assegurar ao sujeito da fala o seu papel de sujeito, sua subjetiva predominância sobre o "não-eu". Quanto ao "ele", representa, segundo Benveniste (10), apenas "um invariante não-pessoal", e nada mais. Podemos perceber, no entanto, deitivamente, principalmente entre políticos, a súbita necessidade de um "eles" para fazer frente a um "nós", quando o par "eu-tu" fica abrandado.

Vejamos mais calmamente cada parcela do parágrafo anterior.

2.1 - Os pronomes

Como "palavra que substitui ou acompanha os nomes" (11), o pronome, devido a sua função sintática, no primeiro caso (substitui o nome), pode ser considerado como nome, isto é, nome mais genérico, embora nem por isso menos "nome", menos verdadeiro. No segundo caso (acompanha o nome), os pronomes possessivos e demonstrativos são os mais exemplares representantes da dêixis.

"A linguagem nos ministra pronome pessoal fixo para evitar repetições de nome já conhecido pelo discurso, e expressões várias à escolha quando nos referimos a pessoa ou pessoas que não importa nomear" (12). A Gramática Normativa admite a tríade, com relação ao pronome pessoal, do "caso reto", "caso oblíquo" e mais o "pronome de tratamento". Os três são dêíticos.

Por economia lingüística, e como resultado da evolução da língua pela linguagem, temos uma tendência de reduzir o número de paradigmas verbais pela

modificação dos pronomes ou pelo seu uso já ser suficientemente esclarecedor:

VARIANTE CULTA (Gramática Normativa)	USO COMUM	VARIANTE INCULTA(14)
1. Eu trabalho	1. Eu trabalho	1. Eu trabaio
2. Tu trabalhas	2. Você trabalha	2. Vancê trabaia
3. Ele trabalha	1. Ele trabalha	2. Ele trabaia
4. Nós trabalhamos	1. A gente trabalha	2. Nóis trabaia
5. Vós trabalhais	3. Vocês trabalham	2. Vancês trabaia
6. Eles trabalham	3. Eles trabalham	2. Eles trabaia

O tratamento da segunda pessoa do plural é decadente, nascido no plural mas transformado em singular: "Ao 'nós' de majestade respondeu naturalmente o 'vós' de respeito" (12). Primeiro ao rei, depois estendido a todos a quem era devido respeito.

O pronome de tratamento possui um caráter fundamentalmente dêitico, substituindo, modernamente, a segunda pessoa gramatical. Destaque-se, neste caso, que o verbo não acompanha a idéia de indicação de tratamento - característica típica desses pronomes. O pronome "te", igualmente, nem sempre é pronome pessoal. Na frase "beijo-te os pés", por exemplo, o "te" é pronome possessivo. Outros pronomes pessoais oblíquos podem ter o valor de possessivo (13): me, lhe, nos, vos, lhes.

Também a impessoalidade guarda implicações dêiticas. Bernardo (15) identifica o discurso impessoal como discurso da classe dominante: "Os 'estilos' de cunho autoritário usam de dois (...) recursos muito comuns: a impessoalização do discurso e plural de modéstia.

"Na academia (universidades, escolas, certos livros), parece que ninguém fala, qua não há sujeitos. Observa-'se'. Nota-'se'. Conclui-'se'. O discurso da academia, universal, é abstrato, está solto no ar, aparentemente sem dono. Aparentemente, sim, porque seu dono é a classe dominante, que também carrega o seu discurso dominante. Um discurso marcado pela impessoalização, vendendo a falsa imagem de que a 'verdade' não tem dono, não tem origem." (15)

Os pronomes pessoais possuem particularidades: a gramática tradicional os classifica não de acordo com o possuidor e a coisa possuída (13) e faz concordância de gênero. Já o pronome demonstrativo traz em si também a indicação dêitica de tempo além da espacial, sendo "essencialmente dêíticos" (16).

Umberto Eco (17) preocupou-se com a necessidade de um referencial neutro de gênero, temendo resistência feminista: *"Poder-se-á perguntar-me por que não usei professora, candidata, etc. É porque trabalhei baseado em experiências pessoais e assim me identifiquei melhor."*

2.2 - Os verbos

Por sua conjugação ser resultado explícito ou implícito da flexão número-pessoa gramatical, resta ao verbo, após constatar sua dependência ao pronome pessoal do caso reto, sua postura modo-temporal. As desinências verbais determinam a diferença entre as formas, embora, devido à riqueza de nossa língua, haja conflito de algumas formas assemelhadas:

- a) Parti (vós) para Rondônia! (imperativo)
- b) (Eu) parti para Rondônia. (pretérito perfeito do indicativo)
- c) Partir (verbo partir, viajar ou cortar). Etc.

Benveniste, tratando da questão da "estrutura das relações de pessoa nos verbos" (10), em 1946, fazia ver o verbo completamente atrelado ao pronome: "O verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria de pronome (...) Uma teoria lingüística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições. (...) 'Eu' designa aquele que fala e ao mesmo tempo implica um enunciado sobre o 'eu': dizendo 'eu', não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, 'tu' é necessariamente designado por 'eu' e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do 'eu'; e, ao mesmo tempo, 'eu' enuncia algo como predicado de 'tu'. Da terceira pessoa, no entanto, um predicado é bem enunciado somente fora do 'eu-tu'; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual 'eu' e 'tu' se especificam. Daí ser questionável a legitimidade dessa forma como pessoa. (...) A terceira pessoa é, em virtude de sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal."

CAPÍTULO 3

* A dêixis multifacetada

O fenômeno dêitico se manifesta com tantas nuances diferenciadas que podemos mesmo falar numa "proliferação dêitica". Um só indivíduo, neste nosso mundo em que é comum encontrarmos pessoas fazendo uso de mais de uma língua ou mais de um dialeto, pode assumir, em situações diferentes, diferenciados padrões dêíticos, visando firmar, em cada situação, sua visão própria de mundo naquele dado momento, dependendo também do interlocutor.

Preti (7) sustenta que *"a 'fala' comum tende a evitar a diversidade (porque prejudica a comunicação) e suprime a escolha"*. Essa peculiaridade da fala se dá mais, no entanto, em termos de idéia, não de tratamento. O medo de expor a idéia será o mesmo, mas com diferenças de tratamento ao ouvinte, de acordo com a situação. Stephen Ullman, em **Linguagem y Estilo** (citado in 13) estabelece bem os termos sobre a preferência do falante: *"Não há dúvida de que a distinção entre a escolha consciente e inconsciente é válida e importante. Todos sabemos por experiência pessoal que há escolhas inconscientes que fazemos espontaneamente, instintivamente e ao primeiro impulso, ou de uma maneira inteiramente mecânica e automática, enquanto que em outros casos nossa escolha é por completo consciente e deliberada: vacilamos, corrigimos, meditamos sobre a palavra ou a construção conveniente, até que por fim optamos por uma outra das alternativas que se abrem diante de nós"*.

Capalbo (18), seguindo a linha fenomenológica, acredita que *"o 'eu' é uma unidade simples, ao passo que o ser social é uma unidade de complexidades, comportando múltiplos centros operantes de 'eus' operando em função uns dos outros, ou seja, designando o que fazem em conjunto"*. Seguindo a linha desse raciocínio, próprio de Husserl, o "tu" é um alter-ego, criado pela "interssubjetividade transcendental" (18). Husserl, por sua vez, admite: *"A minha consciência é dada originalmente e absolutamente, não somente quanto à sua essência, mas também quanto à existência"*. Assim, a subjetividade transcendental a que se chega, o ego transcendental, não é uma "pura essência" ou uma "idéia" no sentido kantiano, mas a unidade mesma de existência-essência.

Ressalto a existência da chamada "dêixis gestual", quando assumem as características dêíticas os pronomes demonstrativos devido mais ao gesto que à palavra. Assim, quando o professor exhibe o livro e indica: *"Leiam este livro, na página tal!"* é o gesto a indicar, mais que o demonstrativo "este".

A troca de tratamento (o senhor, você, tu), muito embora combatida pela

gramática normativa, é aceita pelo falante da língua portuguesa e por escritores do porte de Manuel Bandeira ou Machado de Assis. Vilanova (19) contrapõe-se à limitada visão normativa: *"Fenômeno lingüístico que se repete a todo instante no Brasil, a mudança de tratamento constitui recurso estilístico de muito realce. Movimenta a frase, dá vida à dialogação, enriquece a expressão."*

3.1 - A dêixis honorífica

Entre nós há, não apenas em um papel ligado aos sujeitos do discurso, mas participa para destacar o status- sempre muito relativo, dependendo da comunidade ou ocasião - ou "grau de intimidade" do par falante-ouvinte. Os pronomes pessoais oblíquos corretamente empregados, por exemplo, denotam também uma atitude cultural. Cabe à dêixis dar o pontapé inicial para o aprofundamento das questões: Como ocorrem tais diferenças? Por que elas se dão? Há alguns esboços teóricos que tangenciam o problema e que são de fundamental importância para a Lingüística.

A característica primordial da dêixis é o egocentrismo. Ratifica Lyons (6): *"O falante está sempre no centro do enunciado"*. A primeira pessoa do singular vê-se ressaltada. Mesmo a primeira pessoa do plural pode incluir ou não a pessoa com quem se fala, podendo ser plural majestático, honorífico ou de modéstia. Esse "euísmo" finda por forjar discursos que beneficiam o "eu", são complacentes com o "tu" e desprezam o "ele". Ilustra bem este fato lingüístico o seguinte trecho das "conjunções emotivas", de Bertrand Russel (citado in 20):

"Eu sou firme, tu és obstinado, ele é cabeçudo / Eu estou justamente indignado, tu estás irritado, ele está fazendo algazarra por uma ninharia / Eu reconsiderarei o assunto, tu mudaste de idéia, ele voltou atrás em sua palavra."

3.2 - A dêixis literária

Como não é de se estranhar, a indicação dêitica na literatura se dá diferenciada, como um falsamento aceito implicitamente, mesmo porque temos em vista que a literatura é fantasia, mesmo se baseada em fatos reais. O narrador em terceira pessoa, para Fiorin (21), pode assumir duas posições diante do leitor:

- a) Ele conhece tudo, até os pensamentos e sentimentos dos personagens; ou
- b) O narrador também conhece os fatos, mas não invade o interior dos personagens.

Ou, em outra posição, o narrador personagem, presente:

- a) Sendo personagem principal, não tem acesso à mente dos outros personagens, podendo relatar sua percepções, sentimentos, etc; ou

b) Sendo personagem secundário, observa de dentro os acontecimentos, inferindo ou lançando hipóteses.

Steveson disse que um personagem literário não é outra coisa senão uma enfiada de palavras, segundo Borges (22), que afirmou ser necessário acreditarmos no personagem, "*que o sintamos como alguma coisa que não seja essa enfiada de palavras*".

"A primeira pessoa 'que conta' é a que permite mais facilmente a identificação do leitor com a personagem", assegura Todorov, "*já que, como se sabe, o pronome 'eu' pertence a todos. Além disso, para facilitar a identificação, o narrador deve ser um 'homem médio', em que todo (ou quase todo) leitor pode se reconhecer*" (23).

O enfoque de primeira pessoa é mais propício. Romberg (citado in 24) percebe o aspecto dual do narrador, quando fica assegurada sua presença como sujeito e objeto da narração. Caso o narrador não se faça presente, seja apenas observador, sua função iguala-se à do narrador de terceira pessoa, pois sua "possibilidade de se encarar como personagem, e portanto como referente extralingüístico, é muito remota". A dêixis, seu estudo, pode nos fornecer elementos que percorrem toda a intimidade e "autenticidade" do relacionamento e do relato que são a própria essência da obra, afinal "*o sentido dos dêiticos é um certo 'roteiro para encontrar referentes'*" (25).

Seja como for, será precisa uma visão diferenciada, pois não há na escrita aquelas possibilidades da fala, cujo "discurso pode receber um comentário emotivo contínuo, por meio das inflexões da voz, da lentidão ou rapidez do falar, as repetições e até os silêncios" (26).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01.
02. GERALDI, João Wanderley. Portos de Passagem. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
03. CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. Dicionário de Lingüística e Gramática. 14ª ed. Petrópolis, Vozes, 1988.
04. LAHUD, Michel. A Propósito da Nação de Dêixis. São Paulo, Ática, 1979.
05. LYONS, John. Lingua (gem) e Lingüística. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
06. _____. Introdução à Lingüística Teórica. São Paulo, USP, 1979.
07. PRETI, Dino. Sociolingüística - os níveis de fala. 4ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982.
08. HAYAKAWA, S.I. Uso e Mau Uso da Linguagem. São Paulo, Pioneira, 1977.
09. BORGES, Jorge Luis. Discussão. São Paulo, Difel, 1985.
10. BENVENISTE, Emile. Problemas de Lingüística Geral. Campinas, Pontes, 1988.
11. CEGALA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1986.
12. ALI, Said. Investigações Filológicas. Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975.
13. NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. São Paulo, Scipione, 1989.
14. BUHLER, Karl. Teoría del Lenguaje. 2ª ed. Madrid, Revista de Occidente, 1961.
15. BERNARDO, Gustavo. Redação Inquieta. 2ª ed. Rio de Janeiro, Globo, 1986.
16. MACLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutemberg e/ Guerra e Paz na Aldeia Global. Rio de Janeiro, Record, 1971.
17. ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1983.

18. CAPALBO, Creuza. Metodologia das Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Antares, 1979.
19. VILANOVA, José Brasileiro. Aspectos Estilísticos da Língua Portuguesa. 3ª ed. Recife, Editora Universitária, 1984.
20. ALSTON, P.W. Filosofia da Linguagem. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
21. FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. Para Entender o Texto. São Paulo, Ática, 1990.
22. BORGES, Jorge Luis. Borges em Diálogo. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
23. TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. São Paulo, Perspectiva, 1975.
24. DAL FARRA, Maria Lúcia. O Narrador Ensimesmado. São Paulo, Ática, 1978.
25. BALLY, Charles. El Lenguaje y La Vida. Buenos Aires, Losada, 1957.